

# ENTRE EROS E O VERBO: MAX MARTINS

JOSSE FARES

Mestre em Letras

Professora da Universidade da Amazônia — UNAMA

Pus os sentidos em profundão para penetrar os véus da palavra, como querendo sentir nas mãos o calor que outras mãos — as de Penélope — imprimiram no tear de vinte anos de fiação

Sentinela vã. O poeta, diz-nos José Arthur Bogéa *é um homem sem rosto*. O que há é a máscara, e, atrás dela, há a palavra, afirma Max Martins.

Recordo Drummond: *O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia* (in Rosa do Povo, Aguillar, p. 160). Então, desvio a quilha do meu barco rumo ao rio prometéico do empenho, do desempenho.

É isso! A poesia de Max Martins é desempenho. Nele, Eros e o Verbo se conjugam: *E o verbo se fez carne/ escrita* (“No princípio era o Verbo”, in R/S, Cejup, p. 167).

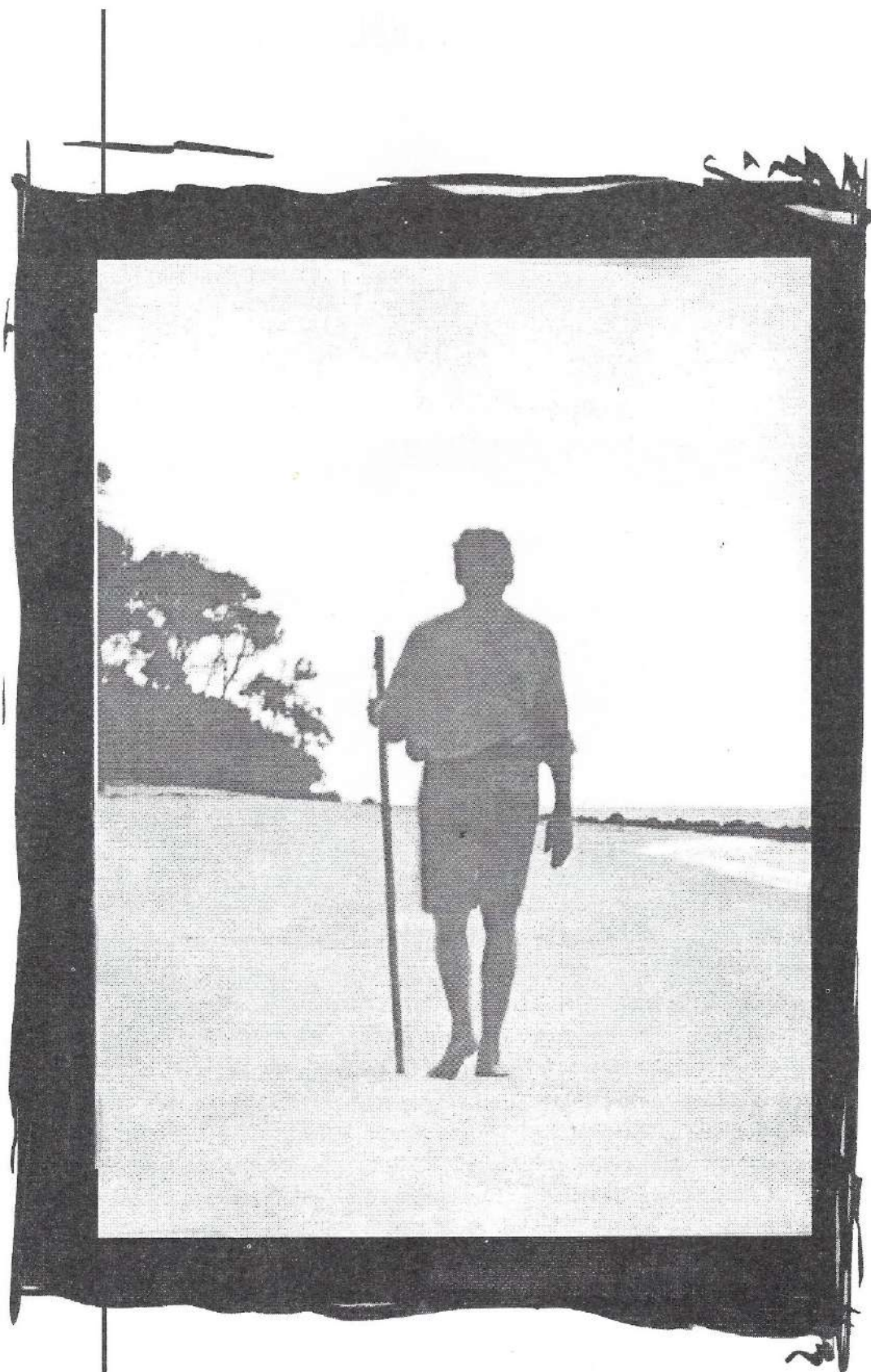
A máscara do poeta não é o que seria. A máscara é: o sub-scrito. E os sapatos do caminhante, *numa estrada de pó e esperança* (Drummond, in Rosa do Povo, Aguillar, p. 246), conduzem-no à travessia da existência, trapézio em que o poeta dilui-se no concentrado da linguagem: *Penso/neste trapézio/preso/ numa só palavra*. (“Um corpo”, in R/S, Cejup, p. 205).

O canto dos lábios curvam-se para baixo. A máscara confrange-se nas notas graves da elegia. Sonata ao luar. Beethoven. Perdas: *Este não é o túmulo, é o poema (...) / canto / chão / jazigo/ terra (...) / tua palavra-caixa atro-vazia, muda / desistidamente muda / Soledad* (“Elegia para Carmencita”, in 60/35, Cejup, p. 77). Este quebranto percorre-lhe a esteira do verso — imagem especular dessa hora agônica do nunca mais: *Inatingível / Nem tive nas mãos os cabelos louros que os ventos / da tarde soprariam / Inatingível e morta*. (“Segunda elegia para Sônia Maria”, in O/E, Cejup, p. 327). A presença do corpo morto lembra ao homem a sua natureza de ser-finito.

A *elegia dos que ficaram* se faz. E o verbo ergue-se sudário urdido na teia da palavra: *Este é o sudário. A teia/ em que me escrevo...*(n.º 14, in F/ P, Cejup, p. 159).

Trapezista, o poeta plina no ar, *meio em que se manifesta o sopro divino, idêntico ao verbo jorrado da boca de lavé* (Benoist, p. 51). O sopro é a rosa plenificada ou emurchecida, a apontar para o binômio vida x morte, matéria universal da poesia. Da morte, ficou-lhe *um perfume suave / de rosa machucada*: (“Elegia dos que ficaram”, in O/E, Cejup, p. 338).

E o verbo jorrado da boca de lavé fez-se carne. Trazido à luz pelo labor do poeta, ele — o verbo — germinou pelo toque inseminador de Eros. As palavras têm corpo. Poesia é *Capulêtera*. Eis Eros, no corpo da letra, no corpo do homem: *Nas entre-palavras ávidas (brechas / abertas nas veias para quando) escrevo / (escuta) as minhas quedas, ouço-me (...) / Amemo-nos neste instante, minha alma / neste corpo. Chama-me* (“Exílio 1”, in C/M, Cejup, p. 104).



Detalhe da foto:  
Foto: Octávio Cardoso

Na travessia vida x morte, o porto. O porto é Marahu. E ele *Não / é a ilha / Não / é a praia / E o mar / (de nos fazemos ao) / é só um nome / sem / a outra margem* ("Mar-ahu", in C/M, Cejup, p. 96).

Marahu : ... *um nome / sem / a outra margem*. A margem. Aquela que não cerceia os caminhos de Marahu, a Pasárgada do poeta, no dizer de José Arthur Bogéa. Marahu é *fruto a server*, Marahu é água doce, de rio, à espera do filho pródigo, do cavaleiro andante, para ofertar-lhe, no cíclico ir e vir das marés, a renovação. O batismo: renascimento.

Diluída a margem, a travessia encontra o livre caminho. Em Marahu, o viver não implica no renunciar-se, porque as águas, imagem material do ventre materno, são permissivas, dão asas à máscara, agora, transubstanciada em Eros.

Amor e morte se fundem. No gozo, *petit mort*, um breve desligar-se do circundante. Flexível, o fio da poesia desenha o círculo-serpente, o contorno do cosmos: Uróboro. Os fios matizados pelas pulsões de vida e morte se tocam. Poesia de Max Martins: imagem da Uróboro mordendo a própria cauda.

#### Abreviaturas:

R/S :	O risco subscrito
O/E :	O estranho
F/P :	A fala entre parênteses
C?M :	Caminhos de Marahu

#### Bibliografia

- ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1979
- BACHELAR, Gaston. *A água e o Sonho*. S.Paulo: Martins Fontes, 1987
- BATAILE, George. *O Erotismo*. Porto Alegre: L & PM, 1987
- BENOIST, Luc. *Símbolos, Signos e Mitos*. Belo Horizonte: Interlivros, 1977
- BOGÉA, J. Arthur. *ABC do magro poeta Max Martins*. Belém. Ed. Universitária-UFGA (?)
- MARTINS, Max — *Não Para Consolar*. Belém: Cejup, 1992
- MENEZES, Adélia Bezerra de. *Figuras do Feminino nas Canções de Chico Buarque*. S. Paulo: Boitempo, 2000



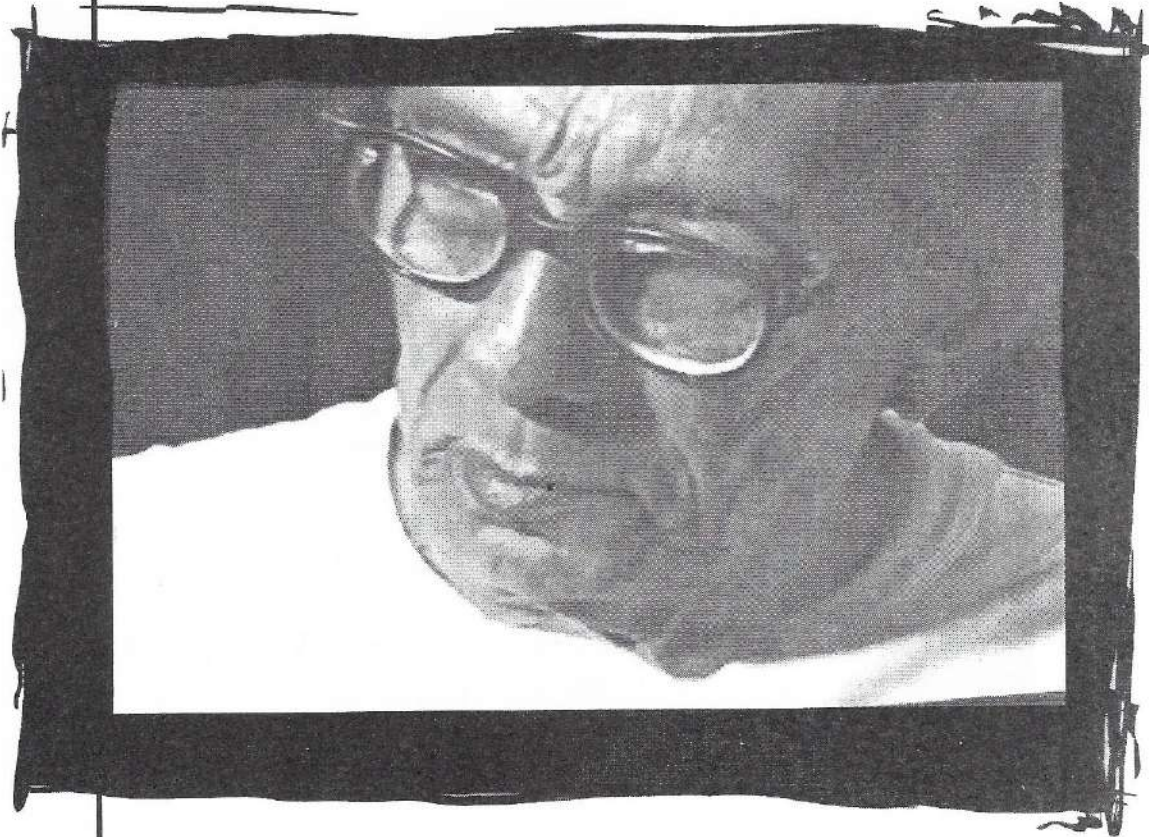


Foto: Abdias Pinheiro